

A ESCRITA LITERÁRIA: HETEROLOGIA, DESPESA E OS DISPOSITIVOS ESTATAIS

Prof. Dr. Washington Luis Lima Drummond¹ (UNEB)

Resumo:

A literatura moderna, nos exemplos mais radicais, agenciou no final do século XIX e início do século XX a parte maldita das escritas, assumindo o lugar do negativo, da crítica ao homogêneo, da experimentação sem termos. Os conceitos do escritor Georges Bataille (despesa, heterologia, experiência negativa) potencializariam as escritas literárias no momento mesmo em que essas, apoiadas por incipientes políticas públicas, se arriscam nas redes de poder estatais? Qual as restrições impostas por um Estado que paulatinamente faz da exceção (normalização, utilitarismo, submissão) a regra?

Palavras-chave: Literatura, Heterologia, Estado.

1 Introdução

J'écris pour effacer mon nom.
Georges Bataille.

Os processos de homogeneização empreendidos pelo mercado e o estado nos alcança nesse momento através de políticas públicas que denunciam o novo estatuto da criação cultural agenciada por seu corpo burocrático. Dos editais aos mapeamentos identitários, das circunscrições territoriais aos tratamentos museológicos, os dispositivos estatais ampliam a intensidade de suas ações num *mix* de técnica, mercado e publicidade. A figura do edital situa-se na instância capilar (*interface* no vocabulário pós-tudo) das ações estatais e finalizam (*editam* termo do mesmo vocabulário) os acertos regulatórios enquanto utilitarismo, localização, normatização – exigência identitária (espacial, formal).

A emergência da tríade estado, mercado, técnica acena a um conservadorismo explicitado e acentuado presente na própria cultura. Em suma, incorpora o conservadorismo da dinâmica cultural que atua na diminuição dos extremos, na solidificação de uma pretensa universalidade, na substancialização do que é esquemático e circunstancial, na uniformização. A cultura só pode ser entendida acentuadamente como ruptura – essa nossa herança recente e moderna – se esquecermos as práticas correntes de acomodação, catalogação, classificação e neutralização disseminadas. Há algo de irônico nesse esquecimento, para sermos benevolentes, pois como pensarmos uma cultura moderna dos cortes sem evidenciarmos a invenção do museu e patrimônio no seio dessa empreitada? (Cf. DRUMMOND; SAMPAIO, 2011).

Por sua vez, nenhuma novidade quando os dispositivos técnicos da ordem do consumo que transformam as redes em sociabilidades do expressivo - um duplo da vida social sustentado pela obrigação narcisista de dizer, mostrar, interagir - servem de apoio à

¹ Washington DRUMMOND, doutor em Urbanismo pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), professor da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), e-mail: wodrum@gmail.com.

burocracia estatal, melhor sugerem modos de intervenção. Convergência de práticas que se estendem numa rede técnica e global alimentada por dispositivos móveis e pelo imperativo da comunicabilidade (contanto que a entendamos como experiência multiforme/multiplataforma). Os dispositivos contemporâneos tornam-se dessa maneira híbridos que funcionam na gestão das formas expressivas e se há bem pouco tempo atuavam como inibidores agora, mais sofisticados, incitam à produção, ao registro, à expressividade. Não nos surpreende, portanto, que os dispositivos estatais façam uso, cada vez mais, das redes sociais, blogs, sites e recursos interativos, pois as demandas (do consumo e da gestão) se confundem e as exigências de interatividade e presença se repetem.

Os processos de enfrentamento aos procedimentos estatais ou do consumo também se imbricam, mediados pelos mesmos dispositivos – o que implica a submissão aos protocolos do meio – ou de forma mais trágica quando o próprio pensamento mimetiza os processos homogeneizantes ao tempo que se traveste de uma radicalidade discursiva. Aqui o ponto mais nevrálgico de nossa situação contemporânea: quando o pensamento que se quer crítico e radical torna-se não um espelhamento do mundo (aí estávamos nas núpcias ingênuas entre as palavras e as coisas), mas das formas repetitivas e protocolares da técnica. Talvez, o grau zero dessa crítica tenha ocorrido quando a teoria crítica adorniana mimetizou a indústria cultural. Para Foucault, o dispositivo é

um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode tecer entre estes elementos (FOUCAULT, 2000, p. 244)

Agamben redefine o dispositivo em termo mais gerais e opressores:

Aquele que se deixa capturar no dispositivo "telefone celular", qualquer que seja a intensidade do desejo que o impulsionou, não adquire, por isso, uma nova subjetividade, mas somente um número através do qual pode ser, eventual mente, controlado; o espectador que passa as suas noites diante da televisão não recebe mais, em troca da sua dessubjetivação, que a máscara frustrante do *zappeur* ou a inconclusão no cálculo de um índice de audiência.

Daqui a futilidade daqueles discursos bem intencionados sobre a tecnologia, que afirmam que o problema dos dispositivos se reduz aquele de seu uso correto. Esses discursos parecem ignorar que, se todo dispositivo corresponde a um determinado processo de subjetivação (ou, neste caso, de dessubjetivação), e de tudo impossível que o sujeito do dispositivo o use "de modo justo". Aqueles que tem discursos similares são, de resto, a seu tempo, o resultado do dispositivo midiático no qual estão capturados. (AGAMBEN, 2009, p. 49).

Estado e pensamento sucumbiram ao fascínio claustrofóbico dos dispositivos, entendidos seja de maneira foucaultiana ou mais recentemente numa superinterpretação agambeniana: assistimos incrédulos uma crescente homogeneização do pensamento, correlata de um nihilismo triunfante e impotente, acompanhada de pirotecnias conceituais.

2 Pensamento, espelhamentos e técnica

O pensamento foucaultiano nos havia deixado uma das mais terríveis distopias modernas em que a vigilância e as relações de poder eram descritas com uma perfeição fria e sem fora. Esse desenho parece se repetir quando posteriormente ele definirá de maneira mais abrangente o conceito de dispositivo. Como disse um comentador famoso perfeito de mais para ser verdade. Nos dois casos, podíamos para sermos criteriosos, encontrar, ainda que residualmente, contrapoderes ou uma certa dubiedade inicial na elaboração dos conceitos de biopoder e biopolítica. O que se segue agora, são versões que aprofundam a distopia de maneira incisiva, aprofundando o desenho foucaultiano.

As instâncias da ordem acolhem a radicalidade travesti de um pretenso pensamento de esquerda de bom grado: a perspicácia da análise crítica impulsiona a lógica do controle e da regulação. O estado e seus dispositivos se espelham embevecidos nos discursos da teoria dos nossos dias. O espaço de experimentação do pensamento inspirado por uma “ontologia do presente” cede lugar a uma “oncologia do presente” impossibilitando-o de qualquer singularidade, o que apesar da máscara, incide sobre a inexistência mesma de qualquer radicalidade. Estamos em plena era globalizada do conceito *pret-à-porter*. Por outro lado, os que aí escapam, submergem a expectativa teórica aos padrões políticos de ontem como se as tensões de forças do passado pudessem sempre resultar nas mesmas e gastas expressões - o que os aproximaria do formalismo daqueles que pretendem se opor.

Parodiando a assertiva marxista, estamos sitiados por um novo espectro, uma tenebrosa fantasmagoria nos assombrando com seus termos e discursos, provenientes de um mundo desaparecido que circulam entre nós numa aparente vitalidade (como os mortos da série francesa *les revenants*), prescrevendo um futuro utópico ou distópico. Aqui as distinções se apagam. Pois, não é uma questão de otimismo ou pessimismo, como alguns classificam as duas correntes teóricas contemporâneas, ou mesmo de apocalípticos e revolucionários, mas de processos de homogeneização de discursos e práticas. O que lhe podemos contrapor além da indiferença? O exercício do riso que desestabilize essa nova moral em seus desdobramentos políticos e estéticos – seja nos projetando aos impossíveis da política, seja imputando ao estético o que ele sempre foi, um combate à verdade, nossa defesa contra o moralismo.

A literatura moderna, nos exemplos mais radicais, agenciou no final do século XIX e início do século XX a parte maldita das escritas, assumindo o lugar do negativo, da crítica ao homogêneo, da experimentação sem termos. As noções de despesa e de esgotamento foram colocadas no centro das escritas experimentais que Kafka, Beckett, Artaud, Klossowski, Bataille, entre outros, nos legaram como práticas literárias, aquém dos estudos representacionais, históricos ou teóricos, pois o que foi colocado em jogo ameaçava a instauração da lei, da hostilização ao vivo enquanto instância heterológica. Que Sobretudo os três últimos que exerceram a escrita não apenas literária, mas ensaística: Artaud com o seu paradoxo da impossibilidade de escrever o pensado sem nunca parar de escrever (talvez mesmo tenha escrito um só livro ininterrupto e monotemático); Klossowski, também um monomaniaco como ele se definiu, com seu jogo de similitudes e simulacros, encarnados principalmente na trilogia sobre Roberte (personagem e companheira de toda uma vida) e os conceitos de intensidade e monstruosidade. Por último, Georges Bataille cujos conceitos de informe, heterologia, parte maldita, estão dispostos em romances e textos críticos.

Como o conjunto desses procedimentos nos potencializariam no momento mesmo em que, na forma de incipientes políticas públicas, os dispositivos impactam às redes de poder estatais? Quais as restrições impostas por um Estado que paulatinamente faz da exceção (normalização, utilitarismo, submissão) a regra?

Metodologicamente, seguiremos dois recortes, o primeiro, a escolha, entre os autores citados, da obra de Georges Bataille para nossa análise; o segundo, a recusa de abordarmos os textos, segundo sua dimensão literária usual produzida pela crítica. Não faremos análise literária, mas transformaremos a obra num canteiro de obras em que alguns conceitos esparsos serão elencados, testados, comentados no sentido de enfrentarmos os processos homogeneizantes descritos.

3 Heterologia e informe

Um dos manifestantes das últimas mobilizações de rua do país vaticinou: “não se pode mudar as coisas sem tocá-las!”; provavelmente referindo-se aos dispositivos de poder

que edificam o Estado e o sistema político representativo vigente. Essa frase nos chama atenção por aludir de maneira truncada às ideias de contágio e abjeção. Por outro lado, as críticas às recentes manifestações públicas se caracterizaram pela denúncia, além da indisfarçável surpresa, das indefinições reivindicatórias e do desvio das práticas políticas consolidadas. Os comentários favoráveis advogavam uma rápida retomada pelas manifestações, passados os arroubos iniciais, das convenções do exercício político antes que estas perdessem a força. Ao mesmo tempo, lamentavam a fugacidade do movimento e a possibilidade deles desaparecerem sem deixar rastro. Os dois lados dos comentários agiam no sentido de provocar uma homeostase no ambiente político nacional. Não seria o contrário? Não deveríamos cotejar com urgência a emergência dessas forças entrópicas e excessivas? As dirrupções provocaram fendas, estriamentos, secreções. É o momento de elaborarmos outros conceitos ou desviá-los para ocuparmos e reconfigurarmos o espaço crítico em expansão. Das ruas à instabilidade provocada aos dispositivos técnicos e estatais.

Os conceitos bataillianos de *heterologia* e *informe* transitaram entre a crítica do antropomorfismo filosófico e estético, em ambos os casos corroboraram para a decomposição do campo específico (Cf. BATAILLE, 1987; 1993). Compõe a *parte maldita* alocados no fundo dos sistemas. São conceitos paródicos e devem ironizar os sistemas fechados, equilibrados, que buscam a perfeição na substancialização das formas. Estes se apoiam na submissão apriorística das formas expressivas e das práticas desviantes ao modelo conhecido em detrimento da irrupção da alteridade seja política ou estética. Daí advém o pensamento crítico, utópicos ou distópicos se aproximam, pois ambos não se furtam de estabelecerem gramáticas, regras, impondo-as como necessidade. A homogeneização, derivada da equivalência de todas as mercadorias sob o signo do capital se espraia pela estética, pensamento, política. É o fundamento da técnica que se quer exemplar na constituição dessa superfície lisa, perfeita da própria crítica. Entretanto, presenciamos há pouco a irrupções singulares, informes, heterológicas nesse tecido. A ironia paródica dos conceitos bataillianos fere ao seu modo a superfície estéril do pensamento.

Se o termo heterologia pode estar ligado à morbidez dos tecidos, na contextualização batailliana será uma espécie de economia dos resíduos, restos não assimiláveis, por vezes abjetos, que rompem, esgarçam as composições homogêneas, marcadas pela inexorabilidade. Aí, o heterológico faz fortuna impondo o singular e irrecuperável. Seja no campo de nossas ações ou no da crítica, a excreção excessiva desses procedimentos apontam para a decomposição espacial e anatemizam a tentativa de reduzir tudo ao pensável. Instauram a heterogeneidade no seio do que se quer homogêneo, forçando o aparecimento de singularidades que longe de afirmarem algo preciso, se metem em jogo, sem reservas, longe de qualquer positividade ou negatividade. É o deslocamento, pelo esgotamento das formas assimiladas, para o impossível das práticas e da crítica, pondo-as em suspensão. Nenhum sistema ou modelos apriorísticos podem ser evocados: as singularidades heterológicas se movem nas artimanhas do heterogêneo e da despesa.

O conceito de *informe*, último a ser abordado, tem gerado mal-entendidos pois vem sendo aplicado como medida de avaliação estética, imaginado como materialização sem forma ou ainda substancializado em trocas duais e perenes. Parte desses equívocos pode ser creditado no desprezo às contingências históricas e ao homogeneísmo da teoria atuando como autodefesa. É que o *informe* foi concebido em contiguidade com o heterológico. Para que as singularidades não sejam encapsuladas pelo pensamento e arrastada para o homogêneo, sem potencia. O *informe* é o aparecimento do insólito que não só surpreende como assusta, mais, provoca horror, pois nunca antes experimentado ou pensado. Paródia

as utopias/distopias rasgando-lhes a gramática. Não pode ser medida de nada, pois joga com as formas singulares, excrescências derrisórias do mesmo. Heterologia e informe são constitutivas de heterotopias – espaços sem mapas ou cartografias – e alteridades.

Conclusão

As sociabilidades expressivas se articulam com interações e conectividades, sob o sistema das mercadorias, aos dispositivos técnicos. O Estado, ao formular políticas públicas agenciam dispositivos que capturam, identificam, territorializam. O pensamento crítico, que até agora nos forneceu conceitos para a reflexão, mimetiza ele mesmo a técnica em sua pretendida perfeição e fechamento. Este o espectro do homogêneo. O que nos resta? Saltar para o lado do simbólico e da teoria como farsa do pensamento crítico em que a ironia substitui a estratégia, e a paródia a simulação técnica. Já não se quer a verdade ou a radicalidade moralizante. A parte maldita, compreendida como heterológica e informe, torna-se o que ainda não está posto. Como um jogo interminável...

Bibliografia

- AGAMBEN, G. **O que é o contemporâneo?** e outros ensaios. Trad. Vinicius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009.
- BATAILLE, G. **Le dictionnaire critique**. Paris: L' Ecarlate, 1993.
- BATAILLE, G. **Oeuvres complètes**, Tome 1. Presentation de Michel Foucault. Paris: NRF Gallimard, 1987.
- DRUMMOND, W., SAMPAIO, A. “A gaiola e o pássaro: o Estado e a cultura urbana” em **Cadernos PPG-AU/FAUFBA**, Salvador: PPG-AU/FAUFBA, ano 10, n. 1, 2011. (Número especial: Cidade e Cultura).
- FOUCAULT, M. Sobre a História da sexualidade. In: _____. **Microfísica do poder**. Trad.: Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2000.